

A ASCENSÃO E QUEDA
DE UMA DAS
MAIS PODEROSAS
FAMÍLIAS AMERICANAS
E SEU CRIMINOSO
IMPÉRIO
FARMACÊUTICO



IMPÉRIO DA DOR

*“Você quase
se sente
culpado
por gostar
tanto.”*

— THE TIMES

PATRICK RADDEN KEEFE





IMPÉRIO DA DOR

**A ASCENSÃO E QUEDA DE UMA DAS
MAIS PODEROSAS FAMÍLIAS AMERICANAS
E SEU CRIMINOSO IMPÉRIO FARMACÊUTICO**

PATRICK RADDEN KEEFE

**TRADUÇÃO
BRUNO CASOTTI
NATALIE GERHARDT**

intrínseca

Copyright © 2022 por Patrick Radden Keefe.
Todos os direitos reservados mundialmente a Patrick Radden Keefe a/C William Morris
Endeavor Entertainment, LLC.

TÍTULO ORIGINAL
Empire of Pain

PREPARAÇÃO
Mariana Moura

REVISÃO
Juliana Souza
Clarice Goulart

DIAGRAMAÇÃO
Inês Coimbra

DESIGN DE CAPA
Angelo Bottino

IMAGENS DE CAPA
Bjarte Rettedal | Getty Images e Dif.pt

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
K34i

Keefe, Patrick Radden, 1976-

Império da dor : a ascensão e queda de uma das mais poderosas famílias americanas e seu criminoso império farmacêutico / Patrick Radden Keefe ; tradução Bruno Casotti, Natalie Gerhardt. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2023.

Tradução de: Empire of pain : the secret history of the Sackler dynasty
ISBN 978-65-5560-387-3

1. Sackler, Arthur M.- Família. 2. Purdue Pharma - História. 3. Indústria farmacêutica - Corrupção. 4. Família Sackler - Biografia. I. Casotti, Bruno. II. Gerhardt, Natalie. III. Título.

22-81745

CDD: 338.7616151092
CDU: 929:(338.45:615.322)

Mari Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2023]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

PARA BEATRICE E TRISTRAM

E PARA TODOS AQUELES QUE PERDERAM
ALGUÉM PARA A CRISE

Com frequência zombamos da superstição e da covardia dos barões medievais, que acreditavam que doar terras à Igreja apagaria a memória dos roubos e invasões, mas os capitalistas modernos parecem ter exatamente a mesma crença — com o acréscimo não irrisório de que, no caso dos capitalistas, a memória dos roubos é realmente apagada.

— G. K. Chesterton (1909)

Doutor, por favor, mais alguns desses.

— Rolling Stones (1966)

SUMÁRIO

Prólogo: A raiz principal	11
LIVRO I PATRIARCA	19
1 Um bom nome	21
2 O manicômio	30
3 Med Man	43
4 Penicilina para melancolia	61
5 Febre chinesa	74
6 O polvo	84
7 O Derby de Dendur	103
8 Afastamento	114
9 Marcas-fantasma	125
10 Contrariar a inevitabilidade da morte	135
LIVRO II DINASTIA	143
11 Apollo	145
12 Herdeiro aparente	152
13 A causa Sackler	164
14 O tempo está se esgotando	174
15 Deus dos sonhos	185
16 A bomba H	197
17 Vender, vender, vender	204
18 Ann Hedonia	219

19	O Pablo Escobar do novo milênio	238
20	Quem vai pagar o pato?	261

LIVRO III | LEGADO **287**

21	Turks	289
22	À prova de adulteração	305
23	Embaixadores	317
24	É uma dura verdade, não?	332
25	Templo da ganância	350
26	Prontos para a guerra	362
27	O nome dos réus	377
28	A fênix	391
29	Retirando o nome	405
	<i>Posfácio</i>	435
	<i>Agradecimentos</i>	443
	<i>Uma observação sobre as fontes</i>	447
	<i>Notas</i>	455
	<i>Índice</i>	521

A RAIZ PRINCIPAL

A SEDE NOVA-IORQUINA DO ESCRITÓRIO de direito internacional Debevoise & Plimpton ocupa dez andares de um edifício preto reluzente numa alameda de arranha-céus no centro de Manhattan. Fundado em 1931 por uma dupla de advogados de sangue azul oriundos de um respeitado escritório de Wall Street, o Debevoise também conquistou respeito, crescendo ao longo de décadas até se consolidar como uma potência global com oitocentos advogados, uma lista de clientes valiosos e uma renda anual de quase 1 bilhão de dólares.¹ Não há mais vestígio do couro e da madeira que caracterizaram as origens rústicas da firma, substituídos por uma decoração nos tons banais do típico ambiente corporativo contemporâneo, com corredores acarpetados, salas de conferência envidraçadas e escrivadinhas. No século XX, o poder *anunciava* a si mesmo. No século XXI, a melhor maneira de reconhecer o poder real é pela sua reserva.

Numa manhã límpida e fria de primavera em 2019, enquanto o reflexo das nuvens deslizava pelo vidro escuro da fachada, Mary Jo White entrou no edifício,² subiu de elevador até a sede do Debevoise e assumiu seu lugar numa sala de conferências que vibrava com uma energia reprimida. Aos 71 anos, White era, até mesmo por suas características físicas, um epítome do poder reservado. Era mirrada — mal chegava a 1,50 metro de altura, seu cabelo castanho era cortado rente e tinha olhos murchos —, e seu jeito de falar era direto e despretenso. Mas ela era boa de briga. Às vezes, brincava que sua especialidade eram os casos “complicados”:³ contratá-la não era barato, mas, se você estivesse enrascado e por acaso tivesse muito dinheiro, era ela a advogada que você procuraria.

White foi promotora federal do Distrito Sul de Nova York por quase uma década, e lá processou os autores do atentado a bomba contra o World Trade Center em 1993. Barack Obama a nomeou presidente da Comissão de Valores Mobiliários. Mas, entre um mandato e outro, ela sempre retornava ao Debevoise. Ingressou na firma como uma jovem associada e tornou-se

a segunda mulher a se tornar sócia. Representava os grandes:⁴ Verizon, JP Morgan, General Electric, NFL.

A sala de conferências fervilhava de advogados, não apenas do Debevoise, mas de outras firmas também. Eram mais de vinte, com cadernos de anotações, notebooks e fichários imensos, abarrotados de post-its. Havia um telefone com viva-voz na mesa, e outros vinte advogados de várias partes do país estavam do outro lado da linha. A ocasião que motivou a reunião desse pequeno exército de advogados era o depoimento de uma cliente de longa data de Mary Jo White, uma bilionária reclusa que estava no centro de um furacão de processos alegando que a acumulação de seus bilhões de dólares levava à morte de centenas de milhares de pessoas.

White certa vez observou que, quando era promotora, seu trabalho era simples: “Faça a coisa certa. Você está indo atrás dos bandidos. Está fazendo algo bom para a sociedade todos os dias.”⁵ Porém ali a situação era mais complicada. Advogados corporativos de grande porte como White são profissionais habilidosos, com certa respeitabilidade social, mas a alma do negócio é o foco no cliente. Essa é uma dinâmica conhecida por muitos promotores, que precisam pagar a dívida do financiamento estudantil ou as parcelas da casa própria. Na primeira metade da carreira, perseguem os bandidos; na segunda, os representam.

O advogado que conduziria o interrogatório naquela manhã era um homem de quase setenta anos chamado Paul Hanly. Ele não se parecia com os outros. Era um advogado de querelantes em ações coletivas. Gostava de ternos sob medida e cores arrojadas, e camisas de alfaiataria com colarinho engomado e contrastante. O cabelo grisalho em tom grafite era penteado para trás, e os olhos penetrantes eram realçados por óculos de tartaruga. Se White era uma mestra do poder reservado, Hanly era o oposto: parecia um advogado do *Dick Tracy*. Mas era competitivo como White e tinha um desprezo visceral pelo verniz de propriedade que pessoas como ela traziam para aquele tipo de incumbência. Não vamos nos enganar, pensava Hanly. Na sua visão, os clientes de White eram “imbecis arrogantes”.⁶

A bilionária que estava sendo interrogada naquela manhã era uma mulher de setenta e poucos anos, uma médica, embora nunca houvesse exercido de fato a profissão. Tinha cabelo louro e um rosto largo, com testa grande e olhos arregalados. Seus modos eram bruscos. Seus advogados haviam feito de tudo para evitar o depoimento, e ela não queria estar ali. Projetava a impaciência casual, pensou um dos advogados presentes, de alguém que nunca espera na fila para embarcar num avião.

“Seu nome é Kathe Sackler?” , perguntou Hanly, e a bilionária confirmou.

Kathe era da família Sackler, uma proeminente dinastia filantrópica de Nova York. Alguns anos antes, a revista *Forbes* a classificara como uma das vinte famílias mais ricas dos Estados Unidos,⁷ com uma fortuna estimada em cerca de 14 bilhões de dólares, “desbancando famílias célebres como Busche, Mellon e Rockefeller”. O nome Sackler adornava museus de arte, universidades e instalações médicas no mundo. Da sala de conferências, Kathe poderia ter percorrido vinte quarteirões até o Sackler Institute of Graduate Biomedical Sciences, um instituto de pós-graduação em ciências biomédicas da faculdade de medicina da Universidade de Nova York (NYU), ou seguido dez quarteirões na outra direção até a ala Sackler do museu Metropolitan, e continuar na Quinta Avenida até o Sackler Center for Arts Education, o centro de educação artística no museu Guggenheim.

Nas seis décadas anteriores, a família Sackler deixara sua marca na cidade de Nova York assim como os Vanderbilt ou os Carnegie já haviam feito. Mas os Sackler eram mais ricos do que qualquer uma dessas famílias, cujas fortunas remontavam à Era de Ouro. E as doações que eles faziam se estendiam bem além de Nova York: o Sackler Museum, em Harvard; a Sackler School of Graduate Biomedical Sciences, em Tufts; a Sackler Library, em Oxford; a ala Sackler, no Louvre; a Faculdade de Medicina Sackler, em Tel Aviv; e o Museu Sackler de Arte e Arqueologia, em Pequim.

“Meus pais tinham fundações desde que eu era pequena”, disse Kathe a Hanly. Eles contribuía para “causas sociais”.

Os Sackler haviam doado centenas de milhões de dólares, e por décadas o nome da família foi associado à filantropia pela opinião pública. Um diretor de museu os comparou aos Médici,⁸ o nobre clá quinhentista de Florença cujo mecenato ajudou a dar origem ao Renascimento. Mas, enquanto a família florentina fez fortuna com atividades bancárias, a origem precisa da riqueza dos Sackler permaneceu, por muito tempo, obscura. Membros da família concediam seu nome a instituições de arte e educação em uma espécie de compulsão. O nome era gravado em mármore, marcado em placas de metal e até escrito em vitrais. Havia cátedras Sackler, bolsas de estudo Sackler, séries de palestras Sackler e prêmios Sackler. No entanto, para um observador casual, podia ser difícil ligar o nome da família a algum negócio que pudesse ter gerado toda aquela riqueza.⁹ Conhecidos viam a família em jantares de gala e eventos filantrópicos nos Hamptons, em um iate no Caribe ou esquiando nos Alpes suíços e se perguntavam, aos sussurros, como ganhavam dinheiro. E isso era estranho, porque o grosso da riqueza dos Sackler fora acumulado não na era dos barões ladrões, mas em décadas recentes.

- Você se formou na NYU em 1980, certo? — disse Hanly.
- Correto — respondeu Kathe Sackler.
- E na faculdade de medicina da NYU em 1984?
- Sim — confirmou a interrogada.

E era verdade, quis saber Hanly, que ela tinha ido trabalhar para a Purdue Frederick após uma residência cirúrgica de dois anos?

A empresa era uma fabricante de medicamentos que depois se tornou conhecida como Purdue Pharma. Com sede em Connecticut, era a fonte da maior parte da fortuna dos Sackler. Embora eles tendessem a insistir, por meio de elaborados contratos de “direito ao nome”, que qualquer galeria ou centro de pesquisa que recebesse sua generosidade deveria exibir com proeminência o nome da família, o *negócio* da família não tinha o nome dos Sackler. Na verdade, é possível fazer uma varredura no site da Purdue Pharma e não encontrar nenhuma menção a eles. Mas a Purdue era uma empresa privada que pertencia inteiramente a Kathe Sackler e outros membros da família. Em 1996, a companhia lançou um medicamento inovador, um potente analgésico opioide chamado OxyContin, anunciado como uma maneira revolucionária de tratar dores crônicas. O remédio se tornou um dos maiores sucessos da história farmacêutica,¹⁰ gerando cerca de 35 bilhões de dólares em receitas.

Mas também gerou vício e uso abusivo. Quando Kathe Sackler se apresentou para depor, os Estados Unidos viviam uma epidemia de opioides em que americanos de todos os cantos do país se encontravam viciados nesses remédios fortes. Muita gente que começou abusando de OxyContin acabou passando para drogas de rua, como heroína e fentanil. Os números eram estarrecedores.¹¹ De acordo com os Centros de Controle para Prevenção de Doenças (CDC, na sigla em inglês), nos 25 anos que se seguiram à introdução do OxyContin, cerca de 450 mil americanos morreram de overdose de opioides. Essa se tornou a principal causa de morte acidental no país, ultrapassando o número de óbitos por acidentes de carro e, inclusive, a causa mais tipicamente americana: armas de fogo. Na verdade, mais americanos perderam a vida por overdose de opioide do que em todas as guerras que o país lutou desde a Segunda Guerra Mundial.

Mary Jo White às vezes comentava que adorava a maneira como o direito podia forçar uma pessoa a “destilar as coisas à sua essência”.¹² A epidemia de opioides foi uma crise de saúde pública extremamente complexa. Mas, quando Paul Hanly questionou Kathe Sackler, ele estava tentando dissecar

essa épica tragédia humana até as entranhas de suas causas. Antes da introdução do OxyContin no mercado, não havia uma crise de opioides nos Estados Unidos. Depois da introdução do OxyContin, passou a haver. Os Sackler e sua empresa se tornaram réus em mais de 250 processos abertos por cidades, estados, condados, tribos indígenas, hospitais, distritos escolares e um grande número de outros litigantes. Eles foram atropelados por um movimento civil coordenado, em que advogados públicos e privados tentaram responsabilizar empresas farmacêuticas por seu papel na comercialização desses medicamentos pesados e por enganar o público quanto às propriedades viciantes desses remédios. Algo assim já acontecera quando as empresas de tabaco foram obrigadas a responder por sua decisão de intencionalmente minimizar a gravidade dos riscos que os cigarros trazem à saúde. Executivos foram obrigados a comparecer ao Congresso,¹³ e a indústria acabou aceitando um acordo histórico envolvendo 206 bilhões de dólares em 1998.

O trabalho de White era impedir que esse tipo de ajuste de contas acontecesse com os Sackler e a Purdue. O procurador-geral de Nova York, que estava processando a empresa e citara Kathe e outros sete membros da família como réus, argumentou numa denúncia que o OxyContin estava na “raiz da epidemia de opioides”.¹⁴ Foi um tipo de analgésico pioneiro, que mudou o modo como médicos americanos receitavam medicações para dor, com consequências devastadoras. O procurador-geral de Massachusetts, que também estava processando os Sackler, sustentou que “uma única família tomou as decisões que causaram grande parte da epidemia de opioides”.¹⁵

White não pensava assim.¹⁶ Aqueles que processavam os Sackler estavam distorcendo os fatos para fazer de seus clientes bodes expiatórios, argumentou. Que crime eles cometeram? Tudo o que fizeram foi vender um medicamento perfeitamente legal, aprovado pela Food and Drug Administration (FDA) —, a agência reguladora do governo americano. Toda aquela distorção era “um jogo de culpa judicial”, sustentou White, insistindo que a epidemia de opioides “não é uma crise que envolva meus clientes nem uma criação da Purdue”.

Mas ela não disse nada no depoimento daquele dia. Depois de se apresentar (“Mary Jo White, Debevoise & Plimpton, representando a dra. Sackler”), simplesmente sentou e escutou, dando espaço aos colegas para interromperem Hanly com objeções. Sua função não era fazer barulho, mas servir como uma arma no coldre, silenciosa mas visível, ao lado de Kathe. E White e sua equipe haviam treinado bem sua cliente. O que quer que a advogada pudesse dizer sobre chegar à “essência” das coisas por meio do direito, quando sua cliente vai prestar um depoimento, o objetivo é evitar a essência.

— Dra. Sackler, a Purdue tem alguma responsabilidade sobre a crise de opioides? — perguntou Hanly.

— Protesto! — interpôs um dos advogados.

— Protesto! — interrompeu outro.

— Eu acredito que a Purdue não tenha responsabilidade legal — respondeu Kathe.

Hanly observou que aquilo não respondia sua pergunta. Ele queria saber “se a conduta da Purdue *causou* a epidemia de opioides”, esclarecimento seguido de mais um protesto. E ela respondeu que considerava o tema “um conjunto muito complexo de fatores e uma confluência de diferentes circunstâncias, questões sociais e médicas, problemas e lacunas em regulamentos em diferentes estados do país. Quer dizer, é muito, muito, muito complexo”.

Mas então Kathe Sackler fez algo surpreendente. Seria de se supor, considerando o legado obscuro do OxyContin, que ela se distanciaria do medicamento. Contudo, ao ser indagada por Hanly, ela se recusou a aceitar a própria premissa do questionamento. Os Sackler não tinham nada do que se envergonhar ou por que se desculpar, sustentou — porque não havia nada de errado com o OxyContin. “É um remédio muito bom, muito eficaz e seguro”, disse ela.

Era de se esperar uma postura defensiva por parte de uma executiva que estava sendo interrogada num processo de muitos bilhões de dólares. Mas aquilo era outra coisa. Era *orgulho*. A verdade, prosseguiu, é que ela, Kathe, merecia crédito por ter tido a “ideia” do OxyContin. Os acusadores estavam sugerindo que o OxyContin era a raiz de uma das crises de saúde pública mais mortais da história moderna, e Kathe Sackler estava se colocando, orgulhosamente, como a raiz do OxyContin.

— Você reconhece que centenas de milhares de americanos se viciaram em OxyContin? — perguntou Hanly.

— Protesto! — interrompeu uma dupla de advogados.

Kathe hesitou.

— Pergunta simples — pressionou Hanly. — Sim ou não.

— Eu não sei responder a isso — disse ela.

Em determinado momento do interrogatório, Hanly perguntou sobre um prédio específico na East 62nd Street, a apenas alguns quarteirões da sala de conferências onde estavam. Na verdade, são dois prédios, Kathe o corrigiu. “Funcionam como um.” Por fora, parecem dois endereços distintos, mas por

dentro “são conectados”. Eram belas casas de pedra calcária num bairro nobre junto ao Central Park, aqueles prédios atemporais de Nova York que despertam inveja e invocam devaneios sobre outros tempos. “Aquilo é um escritório que *é...*”, e então se corrigiu, “que *foi* de meu pai e meu tio”.

Originalmente, havia três irmãos Sackler, explicou ela. Arthur, Mortimer e Raymond. Mortimer era o pai de Kathe. Todos os três eram médicos, mas eles eram “muito empreendedores”, prosseguiu. A saga de suas vidas e a dinastia que estabeleceriam era também a história de um século do capitalismo americano. Os irmãos Sackler haviam comprado a Purdue Frederick nos anos 1950. “Era uma empresa muito menor, originalmente”, explicou Kathe. “Era um pequeno negócio de família.”





LIVRO I

PATRIARCA

Capítulo 1

UM BOM NOME

ARTHUR SACKLER NASCEU no Brooklyn, no verão de 1913.¹ Era um momento em que o Brooklyn florescia com sucessivas ondas de imigrantes do Velho Mundo, novos rostos todos os dias, o ritmo estranho de novos idiomas nas esquinas, novos prédios subindo a torto e a direito para abrigar e empregar os recém-chegados; em toda parte, uma sensação exultante, incontida, de *adaptação*. Filho primogênito de imigrantes, Arthur passou a compartilhar os sonhos e ambições daquela geração de novos americanos, a entender seu espírito e seus anseios. Essa energia o estimulava praticamente desde o berço. Quando nasceu, foi chamado de Abraham, mas abandonou esse nome do Velho Mundo em favor de Arthur, de sonoridade mais americana.² Uma foto de 1915 ou 1916 mostra Arthur ainda bebê, sentado num gramado, com sua mãe, Sophie, reclinada atrás dele como uma leoa.³ Ela tem cabelo escuro, olhos escuros e está esplêndida. Arthur olha para a câmera, um querubim de calças curtas, as orelhas se projetando para os lados, o olhar firme e impressionantemente sério, como se já entendesse tudo.

Sophie Greenberg emigrara da Polônia alguns anos antes.⁴ Era adolescente quando chegou ao Brooklyn, em 1906, e conheceu um homem de modos gentis quase vinte anos mais velho chamado Isaac Sackler. Imigrante advindo da Galícia⁵ — que na época ainda fazia parte do Império Austríaco —, ele viera de navio para Nova York com os pais e irmãos em 1904. Era um homem orgulhoso.⁶ Descendia de uma linhagem de rabinos que haviam fugido da Espanha para a Europa Central durante a Inquisição.⁷ Em Nova York, ele e sua jovem noiva construiriam uma nova base. Isaac abriu uma pequena mercearia com o irmão, chamada Sackler Bros, no nº 83 da Montrose Avenue, em Williamsburg.⁸ A família morava num apartamento no mesmo prédio. Três anos depois do nascimento de Arthur, Isaac e Sophie tiveram um segundo menino, Mortimer, e, quatro anos depois, um terceiro, Raymond. Arthur se dedicava bastante aos irmãos e os protegia com fibra. Por algum tempo, quando eram pequenos, os três irmãos compartilhavam a mesma cama.⁹

A mercearia deu certo,¹⁰ ao menos o bastante para a família logo se mudar para Flatbush. O bairro movimentado parecia ser o coração do distrito e era considerado de classe média,¹¹ até mesmo de classe média *alta*, comparado aos bairros mais distantes do Brooklyn ocupados pelos imigrantes, como Brownsville e Canarsie. Já naquela época, os imóveis eram uma grande referência em Nova York, de modo que o novo endereço significava que Isaac Sackler vencera na vida no Novo Mundo, alcançando certa estabilidade. Flatbush parecia um lugar a ser conquistado, com ruas arborizadas e apartamentos sólidos, espaçosos. Um contemporâneo de Arthur chegou a comentar que, para os judeus do Brooklyn daquela época, parecia que os judeus que moravam em Flatbush eram “praticamente gentios”.¹² Com seus ganhos na mercearia, Isaac investiu em imóveis,¹³ comprando prédios residenciais e alugando apartamentos. Mas Isaac e Sophie tinham planos para Arthur e seus irmãos, planos que se estendiam além de Flatbush, além até mesmo do Brooklyn. Eles acreditavam em um desígnio maior. Queriam que os irmãos Sackler deixassem sua marca no mundo.

Arthur começou cedo, algo que, em épocas posteriores, lhe imprimiria o aspecto de ter vivido mais vidas em uma única encarnação do que qualquer outra pessoa conseguiria viver. Ele trabalhava desde criança, auxiliando o pai na mercearia.¹⁴ Desde novo, mostrou qualidades que impulsionariam e moldariam sua vida: um vigor singular, uma inteligência inquieta, uma ambição inesgotável. Sophie era inteligente, mas sem instrução. Aos 17 anos, foi trabalhar numa confecção e jamais alcançou fluência no inglês escrito.¹⁵ Isaac e Sophie falavam iídiche em casa, mas incentivavam os filhos a se integrarem à nova cultura.¹⁶ Eles mantinham uma alimentação kosher,¹⁷ mas raramente frequentavam a sinagoga. Os pais de Sophie moravam com a família,¹⁸ e havia a sensação, não incomum em qualquer enclave de imigrantes, de que todas as esperanças e aspirações acumuladas das gerações mais antigas seriam investidas naquelas crianças nascidas nos Estados Unidos. Arthur, em particular, sentia o peso dessas expectativas: ele era o pioneiro, o primogênito americano, e todos apostavam seus sonhos nele.¹⁹

O veículo para a realização desses sonhos seria a educação. Num dia de outono, em 1925, Artie Sackler (como era chamado) chegou à Erasmus Hall High School,²⁰ um colégio de ensino médio na Flatbush Avenue. Com 12 anos recém-completos, ele era jovem para a turma, mas havia passado por um programa de incentivo para alunos brilhantes.²¹ Artie não era de

se atemorizar facilmente, mas a Erasmus era uma instituição intimidante.²² Construída por holandeses no século XVIII, sua estrutura original era uma casa de madeira de dois andares. Nos primeiros anos do século XX, a escola se expandiu em torno da casa antiga e incluiu um pátio interno ao estilo da Universidade de Oxford, com construções neogóticas semelhantes a castelos, cobertas de heras e adornadas com gárgulas. Essa expansão foi planejada para acomodar o grande fluxo de crianças imigrantes no Brooklyn. O corpo docente e os estudantes se viam como a vanguarda do experimento americano e levavam a sério a noção de ascensão social e assimilação, proporcionando uma educação pública de primeira classe. A escola tinha laboratórios de ciência e oferecia aulas de latim e grego.²³ Alguns professores tinham doutorado.²⁴

A Erasmus também era enorme. Com cerca de oito mil alunos,²⁵ era uma das maiores escolas de ensino médio do país, e a maioria dos estudantes era como Arthur Sackler — filhos ávidos de imigrantes, crianças dos Loucos Anos 20, olhos vívidos, cabelos reluzentes de brilhantina. Lançavam-se em bandos pelos corredores, os meninos de terno e gravata vermelha,²⁶ as meninas de vestido e fita vermelha no cabelo. Quando se encontravam na hora do almoço sob o grande arco da entrada abobadada, parecia, nas palavras de um colega de Arthur, uma “festa hollywoodiana”.²⁷

Arthur adorava a escola.²⁸ Na aula de história, descobriu que admirava os Pais Fundadores dos Estados Unidos e se identificava com eles, em particular com Thomas Jefferson. Assim como Jefferson, Artie tinha interesses ecléticos — arte, ciência, literatura, história, esportes, negócios; ele queria fazer de *tudo*, o que vinha a calhar, já que a Erasmus dava grande ênfase a atividades extracurriculares. Devia haver uma centena de grupos de discussão, praticamente um para cada tema. No fim de uma tarde de inverno, quando as aulas haviam acabado e já estava escuro, toda a escola se iluminava, as janelas luzindo em torno do pátio interno, e, quando se andava pelos corredores, ouvia-se a reunião de um grupo ou outro: “Senhor presidente! Questão de ordem!”²⁹

Tempos depois, quando se referia a esses primeiros anos na Erasmus, Arthur falava do “grande sonho”.³⁰ A Erasmus era um grande templo à meritocracia americana, e a maior parte do tempo parecia que a única limitação prática ao que Arthur poderia esperar da vida era o quanto ele estava pessoalmente disposto a investir. Sophie o estimulava a estudar: “Você fez boas perguntas hoje?”³¹ Após a fase do estirão, Arthur ganhou ombros largos e um rosto quadrado, somado ao cabelo louro e aos olhos azuis e míopes. Tinha um vigor tremendo, do qual precisava. Além dos estudos, ingressou no jornal estudantil como editor e encontrou espaço no departamento edi-

torial da escola, vendendo anúncios para as publicações.³² Em vez de aceitar um pagamento-padrão, Arthur propôs receber uma pequena comissão sobre cada anúncio vendido. A administração concordou, e logo ele começou a ganhar dinheiro.

Essa foi uma lição que aprendeu cedo e que depois se tornaria um componente importante de sua vida: Arthur Sackler gostava de apostar em si mesmo,³³ indo longe para inventar um esquema em que sua energia formidável pudesse ser recompensada. Ele não se satisfazia com apenas um trabalho, então montou um negócio para administrar o anuário escolar. Depois de vender um espaço de anúncios para a Drake Business School, uma rede de ensino técnico especializada em administração, Arthur, ainda aluno do ensino médio, propôs à empresa que o tornasse gerente de publicidade.³⁴ E assim foi feito.

Com entusiasmo inesgotável e sua incansável criatividade, ele parecia estar sempre borbulhando com ideias e inovações. A Erasmus emitia “calendários de atividades”³⁵ e outros documentos escolares enfadonhos para seus oito mil estudantes. Por que não vender anúncios no verso desses materiais? E se a Drake Business School encomendasse réguas com o nome da empresa e as produzisse de graça para os alunos da Erasmus?³⁶ Aos 15 anos, essas atividades rendiam a Arthur dinheiro suficiente para ajudar a sustentar a família.³⁷ Pegava mais trabalhos do que dava conta de fazer, então começou a repassar alguns para seu irmão Morty.³⁸ De início, Arthur achava que Ray, por ser o mais novo, não deveria trabalhar. “Deixe o garoto aproveitar”, dizia.³⁹ Mas Ray acabou assumindo trabalhos também. Arthur possibilitou que os irmãos vendessem anúncios para *The Dutchman*, a revista estudantil da Erasmus. Eles persuadiram a marca de cigarros Chesterfield a publicar anúncios direcionados a seus colegas estudantes. Isso gerou uma boa comissão.⁴⁰

Apesar de estar voltada ao futuro, a Erasmus também tinha uma ligação vívida com o passado. Alguns dos Pais Fundadores reverenciados por Artie Sackler apoiaram a escola que ele frequentava: Alexander Hamilton, Aaron Burr e John Jay doaram fundos para a Erasmus.⁴¹ A escola tinha o nome do acadêmico quinhentista Desiderius Erasmus, e na biblioteca os vitrais de uma janela celebravam cenas de sua vida.⁴² A janela fora concluída alguns anos antes de Arthur começar a estudar lá e era dedicada ao “grande homem cujo nome carregamos há 124 anos”. Todo dia, instilava-se em Arthur e seus colegas a ideia de que eles assumiriam um lugar numa longa e contínua linhagem de grandes americanos, que remontava à fundação do país. Não importava que morassem em alojamentos apertados ou vestissem o mesmo

terno surrado todos os dias, ou que seus pais falassem outro idioma. Aquele país era deles, e no espaço de uma vida a verdadeira grandeza poderia ser alcançada. Eles passavam os dias na Erasmus cercados de vestígios dos grandes homens que os antecederam, imagens e nomes, legados gravados em pedra.

No centro do pátio interno, a velha casa da antiga escola holandesa permanecia em pé, relíquia de um tempo em que toda aquela região do Brooklyn era composta de fazendas. Quando o vento soprava no inverno, as vigas de madeira da antiga construção rangiam, e os colegas de Arthur brincavam que era o fantasma de Virgílio⁴³ gemendo ao ouvir seus belos versos em latim sendo recitados com o sotaque do Brooklyn.

A produtividade hiperativa de Arthur naqueles anos pode ter decorrido, em parte, de uma ansiedade: a fortuna de seu pai começou a decair.⁴⁴ Alguns investimentos imobiliários iam mal, e os Sackler foram forçados a se mudar para uma casa mais barata. Isaac comprou uma sapataria na Grand Street, mas a loja acabou sendo fechada. Como vendera a mercearia para financiar seus investimentos, Isaac teve que buscar uma nova fonte de renda, aceitando um emprego mal remunerado atrás do balcão da mercearia de outra pessoa.

Arthur recordaria depois que, naqueles anos, sentia frio com frequência, mas nunca fome. A Erasmus tinha uma agência de empregos para ajudar estudantes a encontrar trabalho fora da escola, e Arthur começou a aceitar outros trabalhos para dar suporte à família. Ele distribuía jornais. Entregava flores.⁴⁵ Não tinha tempo para namorar ou participar de acampamentos no verão ou ir a festas. Trabalhava. O fato de nunca ter tirado férias até os 25 anos se tornaria um motivo de orgulho para ele.⁴⁶

Ainda assim, em momentos sem rumo, Arthur vagava por outros mundos — uma vida além do Brooklyn, uma vida diferente, que parecia estar ao alcance das mãos. De tempos em tempos, ele fazia uma pausa em sua agenda frenética e subia os degraus de pedra do Museu do Brooklyn, atravessava a alameda de colunas jônicas e entrava nos salões amplos, onde se maravilhava com as obras de arte em exposição.⁴⁷ Às vezes, seus trabalhos como entregador o levavam a Manhattan, adentrando a zona norte da cidade até os palácios dourados da Park Avenue. No Natal, ele entregava grandes buquês de flores e, ao caminhar pelas avenidas largas, espiava pelas janelas iluminadas o interior dos apartamentos e via o cintilar das luzes natalinas.⁴⁸ Adorava a sensação — ao entrar com os braços cheios de flores num grande prédio com porteiro — de sair da calçada fria e ser envolvido pelo calor aveludado do saguão.⁴⁹

Quando a Grande Depressão se abateu em 1929, o azar de Isaac Sackler se intensificou.⁵⁰ Todo o seu dinheiro estava comprometido com prédios residenciais que não tinham mais valor: ele perdeu o pouco que tinha. Nas ruas de Flatbush, homens e mulheres em aparente miséria faziam fila para conseguir pão. A agência de empregos da Erasmus começou a aceitar inscrições não apenas de estudantes, mas também de seus pais.⁵¹ Um dia, Isaac chamou os três filhos e, com um lampejo imponente do velho orgulho da família, os informou de que não iria falir. Havia organizado seus poucos recursos de forma responsável e conseguido pelo menos pagar as contas. Mas não restava nada. Isaac e Sophie queriam desesperadamente que os filhos continuassem estudando — que fossem para a faculdade, subissem na vida, fizessem tudo o que se esperava de um jovem ambicioso nos Estados Unidos. Mas Isaac não tinha dinheiro para isso. Se os jovens Sackler quisessem estudar, teriam que financiar a si mesmos.

Isso deve ter sido doloroso para Isaac. Mas ele insistiu que não era desses que não deixam nenhum legado aos filhos. Pelo contrário, tinha concedido algo mais valioso que dinheiro. “O que eu dei a vocês é a coisa mais importante que um pai pode dar”, declarou Isaac a Arthur, Mortimer e Raymond. O que ele lhes dera havia sido “um bom nome”.⁵²

Quando Arthur e seus irmãos eram crianças, Sophie Sackler os beijava na testa para verificar se estavam doentes, medindo a temperatura com os lábios.⁵³ Ela tinha uma personalidade mais dinâmica e assertiva que o marido, e uma noção muito clara, desde que os filhos eram pequenos, do que queria para eles na vida: que fossem médicos.⁵⁴

“Quando eu tinha quatro anos, sabia que seria médico”, disse Arthur tempos depois. “Meus pais meteram na minha cabeça que eu seria médico.”⁵⁵ Sophie e Isaac consideravam a medicina uma profissão nobre.⁵⁶ No século XIX, muitos médicos eram percebidos como vendedores de panaceias ou charlatões. Mas Arthur e seus irmãos nasceram durante o que hoje é conhecido como a era de ouro da medicina americana, um período do início do século XX em que a eficácia da medicina — e a credibilidade da profissão — aumentou muito em razão das novas descobertas científicas a respeito da causa de diversos males e dos melhores meios de tratá-los.⁵⁷ Como consequência, não era incomum famílias de judeus aspirarem a que seus filhos buscassem a medicina. Havia uma percepção de que médicos eram moralmente corretos e de que aquela era uma vocação que servia ao bem público, além da promessa de prestígio e de estabilidade financeira.

No ano do colapso da bolsa de valores, Arthur se formou na Erasmus e se matriculou no curso preparatório para medicina da Universidade de Nova York.⁵⁸ Ele adorava a faculdade. Não tinha dinheiro. Seus livros eram usados ou emprestados, e com frequência estavam aos pedaços.⁵⁹ Mas ele os prendia com elásticos e estudava com afinco,⁶⁰ aprofundando-se sobre a vida de antigos pensadores médicos, entre eles Alcmeão de Crotona — que identificou o cérebro como o órgão da mente — e Hipócrates, considerado o pai da medicina — cuja famosa advertência “Primeiro, não causar dano” sacramentava o pressuposto de integridade dos médicos.

Apesar dos rigores da carga curricular, Arthur de algum modo conseguiu se dedicar a seu interesse por atividades fora do universo acadêmico, trabalhando no jornal da faculdade, na revista de humor *e* no anuário. À noite, encontrava tempo para estudar artes na Cooper Union e arriscava desenhos e esculturas anatômicos.⁶¹ Num editorial dessa época, Arthur escreveu que uma abordagem eclética em relação às atividades extracurriculares “dá ao estudante uma perspectiva da vida e de seus problemas de modo a aumentar em muitas vezes a eficácia e a utilidade das técnicas e dos fatos aprendidos no currículo formal”.⁶² No intervalo do almoço, ele fazia as vezes de garçom no café do campus. Nas horas vagas entre as aulas, operava uma máquina de refrigerantes numa doceria.⁶³

Arthur enviava dinheiro para Sophie e Isaac no Brooklyn e instruía os irmãos sobre os trabalhos que lhes repassava.⁶⁴ Para Arthur, Morty e Ray seriam sempre seus “irmãozinhos”.⁶⁵ Pode ter sido apenas a Grande Depressão, durante a qual Arthur foi forçado a sustentar os pais, ou sua posição elevada de primogênito, ou sua personalidade naturalmente dominante, mas havia a sensação de que ele desempenhava não o papel de irmão mais velho de Mortimer e Raymond, mas antes o de pai.

Naqueles tempos, o campus da NYU se estendia por toda a zona norte do Bronx. Mas Arthur se aventurava na metrópole com empolgação. Visitava os museus, seus passos ecoando pelas galerias de mármore que tinham o nome de grandes industriais. Levava namoradas ao teatro, embora só pudessem pagar ingressos para ficar em pé, e assim eles permaneciam durante todo o espetáculo. Mas seu passeio barato favorito era levar a namorada para um cruzeiro por Manhattan — na barca de Staten Island.⁶⁶

Quando se formou na faculdade, em 1933, Arthur tinha ganhado dinheiro suficiente (numa época de níveis recordes de desemprego) para comprar outra loja para os pais, com uma moradia nos fundos.⁶⁷ Ele foi aceito na faculdade de medicina da NYU⁶⁸ e se matriculou imediatamente, cumprindo

a carga horária completa e editando uma revista estudantil. Há uma foto de Arthur desse período. Ele está com um terno elegante, postura ereta, com uma caneta à mão. Parece que acabou de ser interrompido no meio de um pensamento, embora a foto tenha sido claramente posada.⁶⁹ Ele adorava a medicina — adorava os mistérios e as possibilidades, o modo como podia “revelar seus segredos” a um investigador diligente.⁷⁰ “Um médico pode fazer tudo”, observaria.⁷¹ A medicina é “uma fusão de tecnologia e experiência humana”.

Mas ele também tinha consciência de que a medicina carrega uma profunda responsabilidade, uma vocação em que a diferença entre uma decisão boa e uma ruim podia ser uma questão de vida ou morte. Quando Arthur estava no último ano da residência cirúrgica, o chefe do departamento era um estimado cirurgião que estava envelhecendo rapidamente e, na visão de Arthur, parecia mostrar sinais de senilidade. O homem não seguia os protocolos de higiene, lavando-se para uma cirurgia e em seguida se curvando para amarrar o sapato. De forma mais preocupante, suas habilidades com o bisturi haviam deteriorado a ponto de os pacientes morrerem sob seus cuidados. Isso acontecia com frequência suficiente para que alguns funcionários se referissem a ele, por trás de suas costas, como o “Anjo da Morte”.

Numa terça-feira, Arthur estava acompanhando o cirurgião em seu plantão quando eles chegaram ao leito de uma jovem na casa dos trinta anos que sofria de uma úlcera péptica perfurada. A úlcera estava associada a um abscesso, e, quando Arthur examinou a paciente, viu que ela não estava em perigo imediato. Mas o cirurgião-chefe anunciou: “Vou cuidar disso na quinta-feira.”

Alarmado de que a mulher pudesse correr risco de vida num procedimento desnecessário, Arthur apelou diretamente a ela, sugerindo que estava bem e deveria deixar o hospital. Disse que os filhos precisavam dela e o marido também. Mas Arthur concluiu que não podia revelar o verdadeiro motivo de sua preocupação; isso seria considerado uma violação do protocolo e uma profunda insubordinação. A mulher não queria ir embora. Então Arthur apelou ao marido. Mas também não conseguiu persuadi-lo a tirá-la do hospital. Muita gente sem instrução em medicina tem um impulso natural de confiar no conhecimento e na boa avaliação dos médicos, de pôr sua vida — e a de seus entes queridos — nas mãos de um médico. “O professor vai operá-la”, disse o marido a Arthur.

No dia marcado, o Anjo da Morte operou a mulher. Ele fez uma incisão no abscesso, e a paciente morreu. Será que Arthur havia permitido que sua

ambição em relação à carreira o cegasse para os riscos que estavam em jogo? Se tivesse quebrado a hierarquia e confrontado o Anjo da Morte, poderia ter salvado a vida da mulher. Ele se arrependeria para sempre de ter permitido que a operação fosse feita. Mesmo assim, como refletiria tempos depois, “a medicina é uma hierarquia, e talvez com razão de ser”.⁷²

Além da grande responsabilidade associada a uma carreira na medicina, Arthur tinha outras preocupações persistentes. Será que a vida de médico bastaria, por si só, para satisfazê-lo? Sempre lhe parecera que ser médico implicava estabilidade financeira. Mas na época, durante a Grande Depressão, alguns médicos no Brooklyn tiveram que vender maçãs na rua.⁷³ E, além da riqueza material, havia a questão do estímulo mental e intelectual. Não que Arthur tivesse alguma vez cogitado virar artista; não seria nada razoável. Mas ele sempre teve uma sensibilidade empreendedora, um interesse aguçado por negócios, e nenhum juramento médico poderia mudar isso. Além do mais, ele tinha ido parar num interessante trabalho de meio período durante o curso de medicina, outra atividade paralela, dessa vez como redator publicitário para uma farmacêutica alemã chamada Schering. Arthur havia descoberto que, entre todos os seus muitos talentos, era particularmente bom em vendas.

BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

VENCEDOR DO PRÊMIO BAILLIE GIFFORD
NA CATEGORIA DE NÃO FICÇÃO

UM DOS LIVROS FAVORITOS DE BARACK OBAMA EM 2021

Best-seller do *The New York Times*, *Império da dor* começa na Grande Depressão, com a história de três irmãos médicos: Raymond, Mortimer e Arthur Sackler. Enquanto trabalhava em um manicômio, Arthur conduzia pesquisas sobre tratamentos com drogas. Dotado de um talento especial para a publicidade e o marketing, foi ele quem idealizou a estratégia comercial do Valium, um revolucionário tranquilizante, para uma grande farmacêutica. Com a primeira fortuna da família — que se tornaria uma das mais ricas e influentes do mundo —, comprou a Purdue Frederick, uma fabricante de medicamentos que acabou sendo dirigida por seus dois irmãos.

Quarenta anos depois, Richard, filho de Raymond, assumiu a direção da Purdue. E o modelo que Arthur Sackler havia criado para vender o Valium — manipulando médicos, influenciando os órgãos públicos e menosprezando a capacidade viciante da droga — foi então usado para lançar ao mercado um produto bem mais poderoso: o OxyContin. O medicamento gerou uma receita de cerca de 35 bilhões de dólares, mas desencadeou uma crise de saúde pública na qual centenas de milhares de pessoas morreram.

Patrick Radden Keefe passou cinco anos debruçado sobre os segredos da dinastia Sackler: as complicadas relações familiares, os fluxos de dinheiro e suas duvidosas práticas corporativas. Obra-prima da reportagem narrativa, *Império da dor* é um retrato feroz da era dourada americana e uma investigação implacável da impunidade entre as grandes elites e da ganância que construiu uma das maiores fortunas do mundo.